

METODOLOGIAS ATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, PARTICIPATIVA E INCLUSIVA



ACTIVE METHODOLOGIES IN THE SCHOOL CONTEXT: PATHWAYS TO MEANINGFUL, PARTICIPATORY, AND INCLUSIVE LEARNING

EDICELMA BATISTA GARCIAS

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Renascença (2009); Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Nove de Julho (2011); Professora de Educação Infantil no CEI Direto Pedro Henrique Siqueira Lima.

RESUMO

O presente artigo discute as metodologias ativas no contexto escolar, compreendendo-as como estratégias pedagógicas que deslocam o estudante da posição de receptor passivo de informações para uma participação mais autônoma, crítica e colaborativa no processo de aprendizagem. A reflexão parte da compreensão de que ensinar, na escola contemporânea, exige práticas capazes de articular conhecimento, experiência, investigação, resolução de problemas, interação social e uso intencional das tecnologias. Como objetivo geral, busca-se analisar a contribuição das metodologias ativas para a construção de aprendizagens significativas, participativas e inclusivas na Educação Básica. Para tanto, o texto apresenta fundamentos teórico-pedagógicos, discute possibilidades de aplicação em sala de aula e problematiza desafios relacionados ao planejamento docente, à avaliação formativa e às condições institucionais de implementação. A pesquisa caracteriza-se como estudo bibliográfico, fundamentado em autores da área da educação e em estudos sobre aprendizagem ativa, autonomia, mediação pedagógica e inovação educacional. Conclui-se que as metodologias ativas não devem ser compreendidas como técnicas isoladas ou modismos educacionais, mas como possibilidades de reorganização do trabalho pedagógico, desde que articuladas ao currículo, aos objetivos de aprendizagem, à realidade dos estudantes e ao compromisso ético com uma educação democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias ativas; Aprendizagem significativa; Protagonismo estudantil; Mediação pedagógica; Educação básica.

ABSTRACT

This article discusses active methodologies within the school context, framing them as pedagogical strategies that shift the student from the role of a passive recipient of information to one of more autonomous, critical, and collaborative participation in the learning process. The discussion is grounded in the understanding that teaching in contemporary schools requires practices capable of integrating knowledge, experience, inquiry, problem-solving, social interaction, and the intentional use of technology. The general objective is to analyze the contribution of active methodologies to the construction of meaningful, participatory, and inclusive learning experiences in basic education. To this end, the text presents theoretical-pedagogical foundations, discusses classroom application possibilities, and examines challenges related to teacher planning, formative assessment, and the institutional conditions for implementation. The research is a bibliographic study based on authors in the field of education and on studies regarding active learning, autonomy, pedagogical mediation, and educational innovation. It concludes that active methodologies should not be viewed as isolated techniques or educational fads, but rather as opportunities to reorganize pedagogical work—provided they are aligned with the curriculum, learning objectives, the students' realities, and an ethical commitment to democratic education.

KEYWORDS: Active methodologies; Meaningful learning; Student agency; Pedagogical mediation; Basic education.

INTRODUÇÃO

As transformações sociais, culturais, tecnológicas e comunicacionais das últimas décadas têm provocado importantes questionamentos sobre os modos de ensinar e aprender na escola. Em um contexto marcado pelo acesso ampliado à informação, pela multiplicidade de linguagens, pela circulação acelerada de conhecimentos e pela diversidade de perfis estudantis, torna-se insuficiente compreender a prática pedagógica apenas como transmissão de conteúdos previamente organizados pelo professor. A escola continua sendo espaço essencial de sistematização do conhecimento historicamente produzido, mas esse papel exige, cada vez mais, metodologias que favoreçam a participação, a problematização, a investigação e a construção coletiva de sentidos. Nesse cenário, as metodologias ativas ganham relevância por proporem formas de organização do ensino em que o estudante participa de maneira mais efetiva do próprio percurso de aprendizagem, assumindo responsabilidades, formulando hipóteses, analisando situações, tomando decisões e produzindo conhecimentos em interação com colegas, professores e diferentes recursos culturais.

O debate sobre metodologias ativas não pode ser reduzido a uma simples substituição da aula expositiva por atividades dinâmicas, jogos, projetos ou tecnologias digitais. Trata-se de uma mudança

mais profunda na concepção de ensino, aprendizagem, currículo e avaliação. A atividade do estudante, nesse sentido, não se limita ao movimento físico ou à realização de tarefas, mas envolve engajamento intelectual, reflexão crítica, diálogo, elaboração conceitual e capacidade de relacionar o conhecimento escolar com problemas concretos da realidade. Como apontam Diesel, Baldez e Martins (2017), as metodologias ativas se fundamentam em princípios como autonomia, problematização da realidade, trabalho em equipe, inovação, reflexão e papel mediador do professor. Assim, elas não anulam a importância da docência; ao contrário, ampliam sua complexidade, pois exigem planejamento cuidadoso, intencionalidade pedagógica e acompanhamento sistemático das aprendizagens.

O tema também se relaciona à necessidade de promover uma educação mais significativa e inclusiva. Em muitas situações escolares, os estudantes demonstram dificuldades de concentração, baixa participação, desmotivação diante de práticas repetitivas e fragilidades na apropriação de conhecimentos que exigem interpretação, argumentação, criatividade e resolução de problemas. As metodologias ativas podem contribuir para enfrentar tais desafios quando articuladas aos objetivos curriculares e às condições reais da escola, permitindo que os conteúdos sejam trabalhados por meio de situações contextualizadas, investigações, projetos, debates, experimentações, estudos de caso, sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas e outras estratégias. Contudo, sua adoção exige análise crítica, pois nenhuma metodologia, isoladamente, garante aprendizagem se não houver clareza sobre o que se pretende ensinar, como acompanhar o processo e quais intervenções serão realizadas para assegurar o direito de aprender.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar a contribuição das metodologias ativas para a construção de aprendizagens significativas, participativas e inclusivas no contexto escolar. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os fundamentos teórico-pedagógicos que sustentam a aprendizagem ativa; apresentar práticas e estratégias que podem ser desenvolvidas na escola; e discutir os desafios da implementação dessas metodologias, considerando o papel docente, a avaliação e as condições institucionais. A justificativa deste estudo está relacionada à necessidade de refletir sobre práticas pedagógicas capazes de responder aos desafios da escola contemporânea, sem perder de vista o compromisso com a formação humana, crítica e democrática. O problema que orienta a reflexão pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo as metodologias ativas podem favorecer aprendizagens mais significativas e participativas, sem se converterem em práticas superficiais, fragmentadas ou desvinculadas dos objetivos formativos da escola?

Metodologicamente, o texto constitui-se como estudo bibliográfico, fundamentado em autores que discutem educação, aprendizagem ativa, autonomia, mediação pedagógica, tecnologias e inovação no ensino. A análise apoia-se em contribuições de Dewey (1979), Freire (1996), Berbel (2011), Moran (2015), Bacich e Moran (2018), Valente (2014), Diesel, Baldez e Martins (2017), Mitre et al. (2008), entre outros. A partir desse referencial, o artigo organiza-se em três tópicos de desenvolvimento: o primeiro aborda os fundamentos teórico-pedagógicos das metodologias ativas; o segundo apresenta possibilidades de práticas e estratégias de aprendizagem ativa; e o terceiro discute desafios, limites e responsabilidades docentes na implementação dessas propostas. Ao final, são apresentadas

considerações que reforçam a importância de compreender as metodologias ativas como parte de um projeto pedagógico intencional, crítico e comprometido com a aprendizagem de todos os estudantes.

FUNDAMENTOS TEÓRICO-PEDAGÓGICOS DAS METODOLOGIAS ATIVAS

As metodologias ativas dialogam com diferentes matrizes teóricas da educação, especialmente aquelas que compreendem a aprendizagem como processo de construção, participação e interação. Embora o termo tenha se popularizado nas últimas décadas, suas bases não são inteiramente novas. A defesa de uma educação centrada na experiência, na investigação e na resolução de problemas encontra importante referência em Dewey (1979), para quem a escola deveria articular conhecimento e vida, permitindo que o estudante aprendesse por meio da experiência refletida. Nessa perspectiva, aprender não significa apenas acumular informações, mas reconstruir experiências, formular problemas, testar possibilidades e compreender as consequências das ações. Esse princípio permanece atual quando se considera que os estudantes precisam desenvolver competências cognitivas, sociais e éticas para interpretar criticamente a realidade e atuar sobre ela de modo responsável.

Outra contribuição fundamental está presente na pedagogia de Paulo Freire, especialmente na crítica à educação bancária e na defesa de uma prática educativa dialógica, problematizadora e comprometida com a autonomia dos sujeitos. Freire (1996) compreende que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, disponibilidade para o diálogo, pesquisa, rigorosidade metódica e reconhecimento do estudante como sujeito do conhecimento. Essa perspectiva aproxima-se das metodologias ativas quando estas buscam superar a passividade discente e promover situações em que o estudante possa perguntar, argumentar, investigar e produzir sentidos. Contudo, é importante ressaltar que a atividade pedagógica, para Freire, não se resume a técnicas participativas; ela envolve uma postura ética, política e epistemológica diante do conhecimento, do educando e da realidade social.

No campo dos estudos sobre metodologias ativas, Berbel (2011) destaca a relação entre essas abordagens e a promoção da autonomia dos estudantes. A autora argumenta que estratégias como a problematização e a aprendizagem baseada em problemas podem favorecer maior envolvimento dos alunos, uma vez que partem de situações desafiadoras e exigem tomada de decisões, investigação e participação coletiva. A autonomia, nesse caso, não deve ser entendida como ausência de orientação, mas como capacidade progressiva de assumir responsabilidades diante da aprendizagem, mobilizando conhecimentos, avaliando caminhos e construindo respostas fundamentadas. O professor continua exercendo papel central, pois organiza as situações didáticas, orienta pesquisas, promove intervenções, acompanha processos e ajuda os estudantes a sistematizar o conhecimento.

Diesel, Baldez e Martins (2017) sistematizam princípios frequentemente associados às metodologias ativas, entre os quais se destacam o estudante como centro do processo de aprendizagem, a autonomia, a problematização da realidade, a reflexão, o trabalho em equipe, a inovação e o professor como mediador, facilitador e orientador. Esses princípios permitem compreender que a aprendizagem ativa não se limita à adoção de uma técnica específica, mas corresponde a uma concepção pedagógica

em que o estudante é chamado a participar da construção do conhecimento. Quando tais princípios são articulados ao currículo, o processo de ensino ganha maior coerência, pois as atividades deixam de ser meros exercícios de execução e passam a constituir situações didáticas nas quais os conteúdos são mobilizados para compreender, analisar, criar e intervir.

Moran (2015) também contribui para essa discussão ao afirmar que as metodologias ativas envolvem o aprendizado a partir de problemas e situações reais ou próximas da realidade dos estudantes. Para o autor, instituições educacionais que desejam inovar podem promover mudanças progressivas, ampliando o envolvimento discente por meio de projetos, ensino híbrido, sala de aula invertida e propostas interdisciplinares. Essa perspectiva indica que a aprendizagem ativa não depende necessariamente de recursos sofisticados, mas de uma reorganização das práticas pedagógicas, dos tempos, dos espaços e das formas de participação. O uso de tecnologias digitais pode potencializar esse processo, desde que esteja subordinado a objetivos pedagógicos claros e não seja tratado como fim em si mesmo.

A noção de aprendizagem significativa também se relaciona a esse debate. Embora nem toda metodologia ativa garanta automaticamente aprendizagem significativa, as propostas que partem de conhecimentos prévios, situações contextualizadas e problemas relevantes podem favorecer maior atribuição de sentido aos conteúdos escolares. Quando os estudantes percebem relações entre o que estudam e questões do cotidiano, do território, da cultura, da ciência ou da vida social, tende a haver maior engajamento cognitivo e afetivo. Esse engajamento, porém, precisa ser acompanhado de mediação docente que ajude a superar explicações espontâneas, organizar conceitos, ampliar repertórios e desenvolver formas mais elaboradas de pensamento.

Dessa forma, os fundamentos das metodologias ativas apontam para uma escola que ensina de modo intencional, mas que reconhece o estudante como sujeito participante. A centralidade do estudante não significa desresponsabilizar o professor, relativizar o conhecimento científico ou transformar a aula em um espaço sem direção. Ao contrário, quanto mais ativa e investigativa é a proposta, maior deve ser a clareza do docente sobre objetivos, conteúdos, procedimentos, critérios de avaliação e intervenções necessárias. A mediação pedagógica é o elemento que impede que a atividade se reduza a espontaneísmo e garante que a participação discente se converta em aprendizagem efetiva.

PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM ATIVA NA ESCOLA

A aplicação das metodologias ativas na escola pode assumir diferentes formatos, de acordo com a etapa de ensino, os objetivos curriculares, os recursos disponíveis, o perfil da turma e o tempo pedagógico planejado. Entre as estratégias mais conhecidas estão a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem baseada em projetos, a sala de aula invertida, o estudo de caso, a rotação por estações, a aprendizagem por pares, os debates orientados, as sequências investigativas, a gamificação pedagógica e as oficinas colaborativas. Cada uma dessas estratégias possui características

próprias, mas todas compartilham a intenção de envolver o estudante em processos de análise, produção, colaboração e reflexão, superando a lógica de mera reprodução de informações.

A aprendizagem baseada em problemas propõe que os estudantes sejam desafiados por uma situação-problema que exige investigação, formulação de hipóteses, busca de informações, análise de dados e elaboração de soluções. Essa estratégia pode ser utilizada em diferentes áreas do conhecimento. Em Língua Portuguesa, por exemplo, a turma pode investigar como a desinformação circula nas redes sociais e produzir materiais de orientação sobre leitura crítica de notícias. Em Matemática, pode analisar dados de consumo de água ou energia da escola para propor ações de sustentabilidade. Em Ciências, pode estudar problemas ambientais do território. Em História e Geografia, pode investigar transformações do bairro e seus impactos sociais. O problema, nesse caso, funciona como ponto de partida para mobilizar conteúdos e desenvolver procedimentos de pesquisa e argumentação.

A aprendizagem baseada em projetos aproxima-se dessa lógica, mas costuma envolver um percurso mais longo, organizado em etapas, com produção final compartilhada com a comunidade escolar ou com outros públicos. Projetos bem planejados favorecem interdisciplinaridade, protagonismo estudantil e articulação entre teoria e prática. Entretanto, para que não se tornem atividades dispersas, precisam estar vinculados a objetivos de aprendizagem específicos e a critérios claros de acompanhamento. Um projeto sobre alimentação saudável, por exemplo, pode envolver leitura de rótulos, produção de gráficos, estudo de hábitos culturais, pesquisa sobre políticas públicas, elaboração de campanhas e socialização dos resultados. O produto final é importante, mas o processo de investigação, registro, análise e reescrita é o que garante maior densidade pedagógica.

A sala de aula invertida, discutida por Valente (2014), reorganiza o tempo pedagógico ao propor que parte do contato inicial com determinados conteúdos ocorra antes do encontro presencial, por meio de vídeos, textos, podcasts, roteiros de estudo ou outros materiais. O tempo de aula, então, pode ser utilizado para resolução de problemas, debates, experimentações, esclarecimento de dúvidas e acompanhamento individual ou em grupos. Na Educação Básica, essa estratégia precisa ser adaptada com cuidado, considerando a faixa etária dos estudantes, o acesso desigual à internet e a necessidade de orientação familiar em alguns casos. Não se trata de transferir a responsabilidade do ensino para o estudante em casa, mas de ampliar as possibilidades de interação em sala, utilizando materiais prévios como preparação para atividades mais colaborativas e reflexivas.

A rotação por estações é outra estratégia que pode favorecer a participação de estudantes com diferentes ritmos e formas de aprender. Nessa organização, a turma passa por diferentes espaços ou propostas de atividade, cada uma delas relacionada a um objetivo comum. Uma estação pode envolver leitura orientada, outra resolução de desafios, outra produção escrita, outro uso de recurso digital e outra intervenção direta do professor com um grupo menor. Essa organização permite diversificar linguagens e ampliar as oportunidades de acompanhamento, especialmente quando há estudantes que necessitam de maior apoio. Entretanto, exige planejamento minucioso, combinados claros, materiais organizados e

objetivos bem definidos para que a movimentação não se torne apenas troca de tarefas sem aprofundamento.

A aprendizagem por pares e os debates orientados também constituem possibilidades relevantes. Quando os estudantes explicam suas ideias, escutam argumentos de colegas, confrontam hipóteses e reformulam respostas, desenvolvem não apenas conhecimentos conceituais, mas também habilidades comunicativas, cooperativas e socioemocionais. O trabalho em grupo, porém, não deve ser entendido como simples divisão de tarefas. É necessário ensinar os estudantes a colaborar, estabelecer papéis, registrar decisões, respeitar turnos de fala, justificar escolhas e avaliar o percurso coletivo. A colaboração é conteúdo formativo e precisa ser acompanhada pelo professor, especialmente em turmas nas quais há desigualdade de participação, conflitos ou tendência de alguns estudantes assumirem todas as tarefas enquanto outros permanecem à margem.

As tecnologias digitais podem ampliar as possibilidades das metodologias ativas quando utilizadas de maneira crítica e planejada. Kenski (2012) destaca que a educação mediada por tecnologias altera relações com a informação, os tempos e as formas de comunicação. Em sala de aula, plataformas colaborativas, murais digitais, simuladores, vídeos, formulários, mapas conceituais e ferramentas de produção multimodal podem favorecer pesquisa, autoria, colaboração e socialização de conhecimentos. Contudo, o uso da tecnologia não é sinônimo de inovação pedagógica. Uma aula pode utilizar recursos digitais e ainda manter lógica transmissiva, assim como uma proposta sem tecnologia pode ser profundamente ativa, investigativa e significativa. A questão central é a intencionalidade didática.

Na Educação Básica, a implementação das metodologias ativas deve considerar também a inclusão e a diversidade. Estudantes com diferentes necessidades, repertórios culturais, ritmos de aprendizagem e formas de expressão precisam encontrar nas atividades oportunidades reais de participação. Isso requer múltiplas formas de apresentar informações, variadas possibilidades de registro e expressão, mediações graduadas, recursos acessíveis e avaliação sensível ao processo. Uma metodologia ativa só se torna inclusiva quando reconhece barreiras, oferece apoios e possibilita que todos participem de modo significativo, sem reduzir expectativas de aprendizagem. Assim, o planejamento precisa prever adaptações razoáveis, atividades colaborativas bem estruturadas e acompanhamento atento das interações.

Outro aspecto fundamental é a relação entre metodologias ativas e avaliação. Se a proposta busca valorizar investigação, participação e produção de conhecimento, a avaliação também precisa acompanhar o processo, e não apenas verificar um produto final. Instrumentos como rubricas, portfólios, autoavaliação, coavaliação, registros de observação, devolutivas escritas, rodas de sistematização e análise de produções podem ajudar o professor a compreender o desenvolvimento dos estudantes e planejar intervenções. A avaliação formativa torna-se essencial porque permite identificar avanços, dificuldades, modos de participação e necessidades de recomposição ao longo do percurso. Dessa forma, a aprendizagem ativa se fortalece quando avaliação e ensino caminham de modo integrado.

DESAFIOS, POSSIBILIDADES E O PAPEL DOCENTE NA IMPLEMENTAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Apesar de suas potencialidades, as metodologias ativas apresentam desafios importantes no cotidiano escolar. Um dos primeiros desafios refere-se ao risco de sua adoção superficial, como se bastasse propor uma atividade diferente para transformar a aprendizagem. Em alguns contextos, o termo “ativo” é associado apenas a dinâmicas, jogos, uso de tecnologia ou movimentação dos estudantes, sem que haja efetiva problematização, aprofundamento conceitual ou relação com objetivos curriculares. Essa compreensão reduzida pode gerar práticas fragmentadas, com aparência inovadora, mas pouca consistência pedagógica. Por isso, é necessário reafirmar que a centralidade das metodologias ativas está na qualidade da atividade intelectual, investigativa, colaborativa e reflexiva que se propõe ao estudante.

Outro desafio diz respeito ao planejamento. Metodologias ativas demandam maior antecipação de etapas, materiais, tempos, agrupamentos, formas de registro, critérios de avaliação e intervenções docentes. Uma aula baseada em problemas, por exemplo, exige selecionar uma situação relevante, prever conhecimentos prévios necessários, organizar fontes confiáveis, formular perguntas orientadoras, definir modos de socialização e planejar a sistematização final dos conceitos. Sem esse planejamento, a atividade pode perder foco e produzir apenas participação espontânea. Libâneo (1994) lembra que a didática envolve a organização intencional do ensino, articulando objetivos, conteúdos, métodos e avaliação. Essa articulação é ainda mais necessária quando se pretende desenvolver propostas ativas.

O papel do professor, portanto, é central. Nas metodologias ativas, o docente deixa de ser o único expositor do conhecimento, mas não deixa de ensinar. Sua função passa a incluir a criação de situações desafiadoras, a seleção de materiais, a mediação dos grupos, a formulação de perguntas, a intervenção diante de equívocos, a orientação da pesquisa, a promoção do diálogo e a sistematização dos conhecimentos construídos. Bacich e Moran (2018) destacam que metodologias ativas exigem do professor uma atuação planejada, flexível e atenta às necessidades dos estudantes. O professor precisa equilibrar autonomia e orientação, permitindo que os alunos participem, mas garantindo que avancem em direção aos objetivos formativos propostos.

A formação docente é condição decisiva para a implementação qualificada dessas metodologias. Muitos professores foram formados em modelos predominantemente transmissivos e, em seu cotidiano, enfrentam turmas numerosas, falta de tempo para planejamento coletivo, infraestrutura limitada, pressão por resultados e demandas administrativas intensas. Esperar que transformem suas práticas sem apoio institucional pode gerar frustração e responsabilização individual indevida. A adoção de metodologias ativas deve ser acompanhada de formação continuada, estudo coletivo, experimentação gradual, troca de experiências, análise de evidências de aprendizagem e revisão do projeto pedagógico. A inovação pedagógica precisa ser compreendida como processo coletivo e não como tarefa isolada de docentes individualmente motivados.

Também é necessário considerar as desigualdades educacionais. Estratégias como sala de aula invertida ou uso de plataformas digitais podem ampliar oportunidades de aprendizagem, mas também

podem aprofundar desigualdades quando os estudantes não possuem acesso adequado a equipamentos, internet, espaço de estudo ou apoio familiar. Por essa razão, propostas que envolvam recursos digitais devem ser planejadas de modo a garantir alternativas presenciais, materiais impressos, uso dos equipamentos da escola e acompanhamento pedagógico. A equidade precisa orientar a escolha metodológica. Uma prática inovadora que exclui parte da turma contradiz o princípio democrático da escola pública e enfraquece o compromisso com o direito de aprendizagem.

A cultura escolar também pode favorecer ou dificultar as metodologias ativas. Em ambientes nos quais prevalece a ideia de que aprender significa copiar, memorizar e responder individualmente a exercícios padronizados, propostas colaborativas e investigativas podem encontrar resistência de estudantes, famílias e até professores. Essa resistência não deve ser interpretada apenas como oposição à mudança, mas como resultado de uma história escolar que naturalizou determinados modos de ensinar e avaliar. Por isso, a implementação precisa ser gradual, transparente e acompanhada de comunicação com a comunidade. Explicar os objetivos das atividades, socializar produções, registrar evidências de aprendizagem e mostrar avanços dos estudantes contribui para fortalecer a legitimidade das propostas.

Outro ponto sensível refere-se à gestão do tempo e do currículo. Há professores que receiam que metodologias ativas sejam demoradas e dificultem o cumprimento dos conteúdos previstos. De fato, propostas investigativas podem demandar mais tempo do que aulas expositivas tradicionais. No entanto, quando bem planejadas, podem promover aprendizagens mais profundas e integradas, evitando a fragmentação de conteúdos trabalhados de forma superficial. A questão não é abandonar momentos de explicação, sistematização ou treino, mas combiná-los com situações em que os estudantes precisem mobilizar conhecimentos de modo ativo. A exposição docente continua válida quando necessária, desde que articulada a processos de participação, problematização e aplicação do conhecimento.

As metodologias ativas também exigem repensar a relação com o erro. Em práticas transmissivas, o erro muitas vezes aparece apenas como falha a ser corrigida ao final do processo. Em abordagens investigativas, o erro pode ser tratado como parte do percurso de aprendizagem, revelando hipóteses, lacunas, estratégias e formas de raciocínio dos estudantes. Isso não significa relativizar o conhecimento correto, mas utilizar o erro como indicador para intervenção pedagógica. Quando o estudante explica como pensou, compara procedimentos e revê sua resposta, desenvolve metacognição e maior consciência sobre o próprio aprender. Essa dimensão é essencial para a autonomia defendida por Berbel (2011) e para a prática reflexiva presente em propostas de aprendizagem ativa.

Por fim, é preciso compreender que as metodologias ativas não constituem solução mágica para todos os problemas da educação. Elas são possibilidades potentes quando vinculadas a um projeto pedagógico consistente, à formação docente, ao acompanhamento das aprendizagens e ao compromisso com a inclusão. Podem contribuir para ampliar participação, motivação, pensamento crítico, colaboração e autoria, mas dependem de condições objetivas e escolhas pedagógicas coerentes. O desafio não é apenas inserir novas técnicas na rotina, mas construir uma cultura de ensino em que os

estudantes sejam convocados a pensar, perguntar, investigar, argumentar, criar e participar da vida escolar com responsabilidade e sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metodologias ativas representam uma importante possibilidade de ressignificação do trabalho pedagógico na escola, sobretudo diante dos desafios educacionais contemporâneos, marcados pela necessidade de ampliar a participação dos estudantes, promover aprendizagens significativas e desenvolver competências cognitivas, sociais, comunicativas, éticas e colaborativas. Em um contexto no qual o simples acesso à informação já não é suficiente para garantir a aprendizagem, torna-se indispensável que a escola favoreça experiências nas quais os estudantes possam investigar, questionar, relacionar conhecimentos, tomar decisões, resolver problemas e produzir sentidos sobre aquilo que aprendem. Dessa forma, as metodologias ativas contribuem para superar práticas centradas exclusivamente na exposição oral do professor e na recepção passiva dos conteúdos, propondo uma organização didática em que o estudante assume papel mais participativo no processo educativo.

Ao deslocarem o foco da simples transmissão de informações para processos de investigação, problematização, colaboração e autoria, as metodologias ativas favorecem uma relação mais dinâmica entre estudante, conhecimento e realidade. Isso não significa retirar a importância do professor, mas redefinir sua atuação. O docente deixa de ser visto apenas como transmissor de conteúdos e passa a atuar como mediador, orientador, planejador e problematizador das situações de aprendizagem. Nesse processo, cabe ao professor selecionar desafios pertinentes, organizar percursos, propor situações significativas, acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, intervir diante das dificuldades e sistematizar os conhecimentos construídos. Assim, a aprendizagem ativa não ocorre de forma espontânea ou desorganizada, mas depende de intencionalidade pedagógica, clareza de objetivos, acompanhamento constante e avaliação formativa.

Ao longo do artigo, foi possível compreender que as metodologias ativas possuem fundamentos em concepções pedagógicas que valorizam a experiência, o diálogo, a autonomia, a mediação e a relação entre escola e realidade social. Autores como John Dewey, Paulo Freire, Neusi Berbel, José Moran, Aline Diesel, Alda Baldez e Silvana Martins contribuem para compreender que aprender ativamente não significa apenas realizar atividades diferentes, lúdicas ou tecnologicamente mediadas. Trata-se, sobretudo, de envolver os estudantes em processos intelectuais e sociais que os levem a pensar, argumentar, criar hipóteses, confrontar ideias, analisar situações, elaborar soluções e refletir sobre o próprio percurso de aprendizagem. Nesse sentido, as metodologias ativas não podem ser reduzidas a técnicas isoladas ou modismos educacionais, pois exigem uma concepção de ensino comprometida com a formação integral dos sujeitos.

Nesse aspecto, a contribuição de Dewey evidencia a importância da experiência e da relação entre conhecimento e vida. Para o autor, a aprendizagem torna-se mais significativa quando parte de situações concretas, problemas reais e experiências que mobilizam o pensamento reflexivo. Paulo Freire,

por sua vez, contribui ao defender uma educação dialógica, problematizadora e emancipadora, na qual o estudante não é tratado como recipiente vazio, mas como sujeito histórico, capaz de ler criticamente o mundo e transformá-lo. Nessa mesma direção, as metodologias ativas propõem que o processo educativo seja construído com base na participação, na escuta, na investigação e na articulação entre os saberes escolares e os contextos vividos pelos estudantes.

Também se evidenciou que estratégias como aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, rotação por estações, debates orientados, estudos de caso, aprendizagem por pares, gamificação pedagógica e uso crítico das tecnologias podem enriquecer as práticas escolares, desde que estejam articuladas aos objetivos de aprendizagem e às necessidades reais da turma. A aprendizagem baseada em problemas, por exemplo, favorece a análise de situações complexas e estimula os estudantes a buscar soluções fundamentadas. A aprendizagem baseada em projetos possibilita a integração de diferentes áreas do conhecimento e a construção de produtos ou intervenções com sentido social. A sala de aula invertida permite que determinados conteúdos sejam acessados previamente, reservando o tempo da aula para discussões, resolução de dúvidas, atividades práticas e aprofundamento coletivo.

A rotação por estações, por sua vez, possibilita diversificar estratégias em uma mesma aula, favorecendo diferentes formas de interação com o conteúdo. Os debates orientados ampliam a argumentação, a escuta e o respeito às diferentes opiniões. A aprendizagem por pares fortalece a colaboração e permite que os estudantes aprendam também por meio da troca com os colegas. Já o uso das tecnologias digitais pode ampliar o acesso a informações, linguagens e recursos, desde que seja planejado criticamente e não utilizado apenas como substituição de práticas tradicionais. Em todas essas estratégias, o mais importante não é a novidade do recurso utilizado, mas a qualidade da mediação pedagógica e a coerência entre a proposta, o currículo e os objetivos de aprendizagem.

Contudo, é necessário destacar que as metodologias ativas não devem ser compreendidas como receitas prontas, aplicáveis de maneira uniforme a qualquer contexto. Cada turma possui características próprias, diferentes níveis de autonomia, ritmos de aprendizagem, repertórios culturais, necessidades pedagógicas e condições materiais. Por isso, a escolha de uma metodologia deve considerar o contexto escolar, o tempo disponível, os recursos existentes, a faixa etária dos estudantes, os objetivos previstos no currículo e as possibilidades reais de acompanhamento pelo professor. Uma prática ativa mal planejada pode tornar-se confusa, superficial ou pouco produtiva. Por outro lado, quando bem-organizada, pode ampliar o engajamento, favorecer a aprendizagem colaborativa e estimular o pensamento crítico.

Outro aspecto fundamental refere-se à avaliação. As metodologias ativas exigem uma concepção avaliativa coerente com seus princípios. Se o ensino propõe investigação, colaboração, autonomia e participação, a avaliação não pode restringir-se apenas à verificação final de conteúdos memorizados. É necessário valorizar processos, percursos, produções, registros, argumentações, hipóteses, avanços e dificuldades. A avaliação formativa, nesse sentido, assume papel central, pois permite acompanhar continuamente a aprendizagem dos estudantes, identificar necessidades de intervenção, reorganizar

estratégias e oferecer devolutivas qualificadas. Avaliar, nesse contexto, significa compreender como o estudante aprende, quais caminhos percorre e quais apoios são necessários para que avance.

Por outro lado, os desafios de implementação das metodologias ativas são significativos. Sua adoção requer formação docente, planejamento coletivo, acompanhamento pedagógico, tempo para estudo, condições institucionais e apoio da gestão escolar. Não basta solicitar que os professores inovem suas práticas se a escola não oferece espaços de formação, troca e reflexão coletiva. A mudança metodológica exige reorganização da cultura escolar, revisão de rotinas, abertura ao trabalho colaborativo e construção de critérios comuns de acompanhamento das aprendizagens. Além disso, é necessário considerar as desigualdades de acesso, participação e permanência que atravessam a realidade escolar. Em contextos marcados por vulnerabilidades sociais, dificuldades de acesso às tecnologias, defasagens de aprendizagem ou pouca familiaridade dos estudantes com práticas autônomas, o planejamento precisa ser ainda mais cuidadoso e inclusivo.

Sem esses elementos, há o risco de que as metodologias ativas se transformem em práticas superficiais, fragmentadas ou até excludentes. Uma atividade em grupo, por exemplo, não garante colaboração se os papéis não forem bem definidos e se todos não tiverem condições reais de participar. O uso de tecnologia não garante inovação se apenas reproduzir exercícios mecânicos em ambiente digital. Da mesma forma, propor autonomia não significa abandonar o estudante à própria sorte, mas oferecer orientações, recursos, mediações e acompanhamento para que ele desenvolva progressivamente responsabilidade sobre sua aprendizagem. Portanto, a inovação metodológica precisa caminhar junto com o compromisso ético de garantir que todos os estudantes aprendam, participem e tenham suas singularidades reconhecidas.

Nesse sentido, a escola ativa não é aquela que apenas movimenta os alunos ou substitui aulas expositivas por atividades aparentemente mais dinâmicas. Uma escola ativa é aquela que cria condições para que os estudantes pensem, dialoguem, investiguem, argumentem, criem, errem, revisem, compartilhem e construam conhecimentos com sentido. A participação dos estudantes não deve ser confundida com agitação ou espontaneidade sem direção pedagógica. Ela precisa ser compreendida como envolvimento intelectual, afetivo, social e ético com o processo de aprendizagem. Para isso, o professor precisa planejar situações desafiadoras, mas possíveis; abertas à investigação, mas orientadas por objetivos claros; colaborativas, mas acompanhadas por critérios de participação e responsabilidade.

Conclui-se, portanto, que as metodologias ativas podem contribuir de maneira relevante para uma educação mais democrática, significativa, inclusiva e alinhada às demandas do século XXI, desde que compreendidas como parte de um projeto pedagógico intencional, e não como simples modismo ou solução imediata para todos os problemas educacionais. Sua efetividade depende da articulação entre teoria e prática, da mediação qualificada do professor, da avaliação contínua, do planejamento coletivo e da construção de uma cultura escolar que valorize a participação, a colaboração, a autonomia e o pensamento crítico.

Desse modo, o problema proposto neste estudo é contemplado ao indicar que as metodologias ativas favorecem aprendizagens mais significativas quando estão vinculadas ao currículo, à realidade dos estudantes e ao acompanhamento sistemático do processo educativo. Elas ampliam as possibilidades de participação e construção do conhecimento, mas exigem compromisso institucional, formação docente e clareza pedagógica. Assim, mais do que alterar técnicas de ensino, as metodologias ativas convidam a escola a repensar sua função social, seu modo de organizar o conhecimento e sua responsabilidade na formação de sujeitos críticos, criativos, colaborativos e capazes de atuar de forma consciente na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MITRE, Sandra Minardi et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.

MORAN, José Manuel. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. p. 15-33.

VALENTE, José Armando. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida**. Educar em Revista, Curitiba, edição especial n. 4, p. 79-97, 2014.